

MEMÓRIAS SUBMERSAS: UM OLHAR SOCIOCULTURAL SOBRE AS ENCHENTES NO MUNICÍPIO DE RIO DAS FLORES, RIO DE JANEIRO

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

Marco Antonio Almeida Cardozo (UFV/ MG)

*"Para mim a chuva no telhado é cantiga de ninar
mas o pobre do meu irmão, para ele a chuva fria vai
entrando em seu barraco e faz lama pelo chão."
(Irene Gomes, 1972)*

RESUMO

A chegada das águas tornou-se sinônimo de dor e perda para os moradores do município de Rio das Flores ao longo dos anos, devido às fortes chuvas que aumentam o fluxo das águas do córrego Manuel Pereira, resultando em enchentes. Este artigo visa analisar a dimensão sociocultural do fluxo das águas, buscando compreender os efeitos e afetos experienciados pelos moradores com a chegada das águas. Examina-se como este evento os afeta não apenas no âmbito material, mas no simbólico, e como as enchentes afetam sua memória e história. Ademais, objetiva-se demonstrar a urgência de olhar para o problema do forte fluxo das águas de um viés onde elas são uma questão sociocultural. Espera-se fornecer novas perspectivas e ferramentas para promover a resiliência ambiental diante das catástrofes no Antropoceno.

Palavras-chave: Enchentes; Rio das Flores; Dimensão Sociocultural.

INTRODUÇÃO

A água da chuva eleva o fluxo das águas de um rio e a mesma chega de forma irrefreável derrubando muros, entrando pelas caixas de esgoto, sanitários, e logo enchendo toda a casa com água suja, que ao escoar, deixa as casa completamente enlameadas. Esse é o cenário do qual moradores do município de Rio das Flores (RJ) fazem parte ao longo dos anos. Devido às fortes chuvas que precedem o transbordar das

águas do córrego Manuel Pereira², os moradores do bairro Elizabeth são atingidos pela *enchente*, tornando a chegada das águas um sinônimo de dor e perda para essa população.

Rio das Flores é um município da unidade federativa Rio de Janeiro, e segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) a população da cidade chegou a 8.954 pessoas no Censo de 2022, o que representa um aumento de 4,7% em comparação com o Censo de 2010. De acordo com o INFOSANBAS³, o território do município é composto 100% pelo bioma Mata Atlântica; dados do MapBiomias⁴ revelam que 61% do uso do solo do município é utilizado para pastagem. Partindo desses dados e outros subsequentes, é possível apontar que o problema das enchentes não deve ser entendido como uma tragédia.

Na etimologia da palavra “tragédia”, que surge na grécia antiga, o termo define-se como uma ação posta em curso que não pode ser evitada ou contornada, pois advém de um desígnio divino de deuses ou no percurso do destino de um herói, e que finda em um acontecimento fatídico. Assim dizendo, tragédia é algo incontornável.

Justamente por isso, o que acontece ao longo dos anos em Rio das Flores não pode ser entendido como tragédia. As enchentes são reflexo de uma série de fatores: a utilização de mais da metade do solo do município como pastagem, o seu processo de urbanização sem planejamentos, e gestões públicas insuficientes que, segundo os moradores “*nunca tomaram providências ou forneceram auxílio*”.

Além disso, aliado ao discurso de moradores estão os fatos: segundo o SNIS (Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento) em seu diagnóstico sobre a Drenagem e Manejo das Águas Pluviais Urbanas em 2021, no município de Rio das Flores não há instrumentos de controle e monitoramento, ou a existências de mapeamento de áreas de risco de inundação dos cursos d’água, evidenciando a precariedade do sistema de drenagem urbana, por causa da falta de gestão e análise socioambiental dos riscos e vulnerabilidade de cada local. Em acréscimo, existe o impacto das mudanças socioambientais que são provocadas pela atual crise climática, ou seja, um cenário que já era ruim tende a piorar.

² Segundo o Sistema Nacional de Recursos Hídricos, o córrego Manuel Pereira possui 16,19% de sua extensão dentro do município, atrás do Rio Preto com 25,76% e do Rio Paraíba do Sul 18,08% (SNIRH/ANA, 2021).

³ INFOSANBAS é uma plataforma de dados relacionados ao saneamento básico de municípios no Brasil. A plataforma é gerida pela FUNASA, Escola de Engenharia da UFMG e Cooperativa EITA.

⁴ MapBiomias é uma rede colaborativa brasileira que produz e disponibiliza mapeamento anual da cobertura e uso da terra, monitoramento da superfície da água e dos efeitos do fogo.

Portanto, entende-se que o problema das enchentes envolve processos múltiplos e que essa questão não recebe a atenção devida para ser amenizada ou contornada, pois quando vem a chuva, não é somente por causa da água que as pessoas veem suas vidas, história e memória submergir diante de seus olhos.

Ana Lucia da Silva Almeida, de 59 anos, é moradora do bairro desde que nasceu, diz que: *“desde que eu me conheço, como gente, tem enchente aqui. E eu não vejo eles fazendo nenhum projeto, nem para as famílias, nem para quando termina a enchente, os cuidados que tem que ter com a saúde, com a casa... aqui nunca fez”*.

Através deste relato, percebe-se que o motivo das perdas e desabrigo também é por causa do descaso com os moradores. Portanto, rotular esses eventos como "tragédia" isenta o poder público de agir e de ser responsabilizado por sua ineficiência.

Diante a conjuntura supracitada, apresenta-se os principais resultados da pesquisa realizada com residentes do bairro Elizabeth no município de Rio das Flores, visando compreender a perspectiva dos sujeitos afetados pela enchente, e os efeitos e afetamentos das enchentes nas memórias e histórias dos sujeitos que as experienciam.

O artigo divide-se em três tópicos centrais: I) Capitalismo e Colapso Ambiental; II) Memória e Identidade; III) Resiliência comunitária e Futuros possíveis. Tópicos considerados essenciais não somente para o entendimento do cenário no qual essas pessoas vivem, mas para a seguinte reflexão: quando a água entra em uma casa, o que ela encontra? O que leva consigo ao sair? E o que deixa para trás? Isso não se resume apenas a lama.

CAPITALISMO E COLAPSO AMBIENTAL

Segundo Karl Marx, o trabalho é a relação entre ser humano e natureza, na qual o ser humano regula sua própria ação com o metabolismo da natureza.⁵ Assim dizendo, o trabalho gera transformações na natureza e do mesmo modo, regula-se a partir dela, pois existem limites materiais e ciclos biológicos. No entanto, no capitalismo, esse sistema econômico no qual detentores dos meios de produção objetivam apenas a acumulação infinita de capital, não existe a preocupação com os limites e ciclos da natureza, De acordo com Haraway, “humanos não necessariamente causam extinção em

⁵ Karl Marx, *Capital: Volume 1*, trans. Ben Fowkes (Nova York: Knopf Doubleday Publishing Group, 1977).

massa ou o aquecimento global, mas o capitalismo sim” (Haraway, 2014, s/p). Então surge um desalinhamento, se vivemos em um mundo com recursos finitos e existe um sistema que está predando os mesmos de forma desenfreada, em algum momento haveria um esgotamento, e o resultado disto seria um colapso ambiental.

Segundo a ONU Brasil:

As mudanças climáticas são transformações a longo prazo nos padrões de temperatura e clima. Essas mudanças podem ser naturais, como por meio de variações no ciclo solar. Mas, desde 1800, as atividades humanas têm sido o principal impulsionador das mudanças climáticas, principalmente devido à queima de combustíveis fósseis como carvão, petróleo e gás. (ONU Brasil, 2022)

Isto significa que a atividade humana, orientada pelo sistema capitalista, é responsável pelo atual cenário onde as mudanças climáticas no presente momento, são uma realidade. Ademais pontuo que devemos nos afastar de discursos que culpabilizam um indivíduo que não fecha a torneira ou utiliza um canudo de plástico, afirmando que o não cumprimento dessas ações é o fator responsável por "destruir" o planeta - o que quero dizer não é que as ações supracitadas não tenham importância, mas é que não existe solução individual para problema social.

Considera-se que, de acordo com o IBGE (2020), no ano 2000 a Amazônia tinha 81,9% de sua área total coberta por florestas, diminuindo para 75,7% em 2018. Ainda, no Cerrado, o cenário foi de expansão acelerada da agricultura, que ganhou 102,6 mil km² no período de 2000 a 2018, substituindo a vegetação campestre e a florestal.

A expansão da agricultura está relacionada às commodities agrícolas, com duas grandes concentrações: uma na região Centro-Sul (Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul), com alta capacidade de investimento e aptidão agrícola do solo; e a outra no Matopiba (Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia), área que vem sendo ocupada por plantações de soja, algodão e outras monoculturas de grãos e cereais. (IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2020)

Para além da destruição destes biomas de suma importância para a biodiversidade e equilíbrio ambiental, como mencionado anteriormente, a ONU Brasil (2022) aponta que a queima de combustíveis fósseis é um dos principais fatores responsáveis pelas mudanças climáticas, e exemplos de atividades que geram emissões

de gases do efeito estufa - que estão em seus níveis mais altos em 2 milhões de anos - vão desde o uso de gasolina para veículos, até o desmatamento de áreas florestais.

Exemplos de emissões de gases de efeito estufa que estão causando mudanças climáticas incluem dióxido de carbono e metano. Isso vem do uso de gasolina para dirigir um carro ou carvão para aquecer um prédio, por exemplo. O desmatamento de terras e florestas também pode liberar dióxido de carbono. Aterros para lixo são uma das principais fontes de emissões de metano. Energia, indústria, transporte, edificações, agricultura e uso da terra estão entre os principais emissores. (ONU Brasil, 2022)

A partir destes dados, fica evidente que as catástrofes ambientais são um problema sistêmico e não individual. Do mesmo modo, tento elucidar como perde-se o sentido da culpabilização de indivíduos sobre um cenário que é resultado da exploração de uma classe específica sobre os recursos do planeta. Assim dizendo, existe uma relação direta entre o sistema capitalista e o esgotamento dos recursos naturais. Deve-se esclarecer que mesmo o capitalismo sendo um sistema econômico, seus tentáculos perpassam, impactam e influenciam nos mais diversos âmbitos da vida na sociedade contemporânea.

Bhaskar Sunkara, nos convida a refletir:

É esse o mundo em que você quer viver? Um planeta em chamas, com eventos climáticos extremos cada vez mais frequentes, ilhas de luxo privadas em meio a oceanos de pobreza, magnatas carregando a política no bolso enquanto o fascismo ganha força explorando a ansiedade, o desespero e o nihilismo gerados pelo próprio capitalismo? Será que não somos capazes de fazer algo melhor juntos? (SUNKARA, et al, 2016)

Logo, urge a necessidade de se pensar um novo sistema e uma nova forma de produção que seja orientada não apenas pelo lucro, mas pelas necessidades humanas. Pois se não houver uma mudança do sistema, não haverá futuro, porque as consequências das mudanças climáticas incluem “entre outras, secas intensas, escassez de água, incêndios severos, aumento do nível do mar, inundações, derretimento do gelo polar, tempestades catastróficas e declínio da biodiversidade.” (ONU Brasil, 2022). E nessas condições não há como pensar o futuro da humanidade sem pensar na obsolescência do sistema capitalista. Não se deve ceder à inércia e prender-se numa

realidade onde é mais provável conformar-se com o fim do mundo do que o fim de um sistema. Na obra *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*, Paulo Freire diz o seguinte:

É por isso que insisto tanto na questão da esperança. Se a nossa esperança, a nossa tarefa na esperança, a nossa compreensão do papel da esperança no mundo não for algo imobilizante e alienante, a esperança precisa ser vista como uma necessidade ontológica, portanto, precisa ser vista como algo inerente ao próprio ser humano, que a torna possível. A esperança como um verbo tem que ser exercida, praticada. Eu tenho que carregar comigo a certeza de que mudar é difícil, mas é possível. (FREIRE, 2000)

Este trecho nos indica que devemos “esperançar”, a esperança como verbo não é somente acreditar que um futuro melhor é possível, mas nos mover e organizar de forma para que as coisas aconteçam. Desde o feudalismo - e demais modelos de produção ao longo da história - pode-se ver que a humanidade adaptou suas economias em detrimento do cenário ao seu entorno, e isso nos mostra que há esperança ao pensar o fim do sistema capitalista, pois se um sistema teve início ele pode ter um fim.

Ao definir o capitalismo como agente principal das mudanças climáticas e como isso resultou num processo de catástrofes e colapso ambiental, parto para o próximo tópico onde irei direcionar a lente para o espaço ao qual este estudo detém seu foco, o município de Rio das Flores. Especificamente no bairro Elizabeth, onde existe uma população que por anos é afligida por fortes chuvas que levam às cheias do córrego que perpassa o bairro, resultando em enchentes. O debate deste tópico que se encerra é de suma importância, porque ele nos oferece uma análise desta conjuntura e nos guia para o caminho de pensar como o colapso socioambiental atualiza e agrava ainda mais o cenário das populações que já eram impactadas por determinados ciclos da natureza.

MEMÓRIA E IDENTIDADE

“Enchente parece um cenário de Guerra”, este é um trecho da entrevista realizada com a senhora Ana Maria Rocha de Oliveira, que tem 64 anos e é moradora há 38 anos do bairro Elizabeth. Decido iniciar este tópico com essa citação, pois ao longo das entrevistas que realizei e de todos os relatos das experiências com as enchentes, esta frase certamente foi a que mais chamou a minha atenção. Suponho que para qualquer

um que não olhe com seriedade para o problema das enchentes no município, este trecho chame a atenção porque nos aponta a situação de urgência em que esses moradores vivem e ademais, dá cabo ao cerne deste trabalho, onde me proponho a desconstruir uma visão que reduz a enchente a um evento onde uma casa é invadida pela água e tudo resolve-se com o escoar da mesma, elucida-se isto a seguir.

Ampliemos então a nossa perspectiva. Tim Ingold nos guia a pensar o material como coisa, ou seja, se pensarmos em uma casa, ela está para além de paredes e cômodos, a casa não é um simples objeto pois ela é uma coisa. Assim dizendo, ela é um emaranhado de fios vitais, onde a casa é uma reunião de vidas, e habitá-la é se juntar a reunião (INGOLD, 2012, p. 30). E é a partir desta concepção que aponto a questão, quais impactos a chegada das águas causa a vida desses moradores? Quando a água atinge seu lar que não é apenas material e sim coisificado, deixando aquele espaço de habitação submerso e mesmo após a água escoar tudo permanece enlameado, quais efeitos e afetos isso gera em uma pessoa, uma família, uma comunidade?

Ademais, entender como estes indivíduos cujas vidas estão estendidas por uma linha de vida - que conectam eventos e experiências de suas vidas - percebem e ressignificam a relação com seu lar, suas memórias e identidades após o evento traumático das enchentes. Somente após refletir e entender sobre todas essas nuances, é que fará sentido ao leitor deste estudo a afirmação que abre este tópico de que *“enchente parece um cenário de Guerra”*⁶.

A moradora Ana Maria Rocha, conta em entrevista sobre os efeitos das enchentes em sua vida: *“Enchente é muita tristeza, nossa mãe. Uma coisa traumática. Depois que passa, qualquer chuva que arme você já fica preocupada. Eu custei para melhorar; é uma coisa que mexe muito com a cabeça da gente”*. Ademais, a senhora Ana Maria Rocha ainda ressaltou sobre a morte de animais: *“[...] e fora os animais mortos que vêm, animais mortos e cobras. Muitos animais peçonhentos ficam nadando por aí”*.

Sua vizinha, Maria Alice da Silva Almeida, de 84 anos e moradora do bairro há 60 anos, relatou que vivenciou inúmeras enchentes ao longo da vida, e houve uma que a marcou profundamente:

⁶Obviamente, não é possível comparar de forma literal as enchentes a uma guerra. No entanto, sob uma perspectiva da linguística, acerca da oralidade - onde o essencial durante um diálogo é o entendimento - é lógico supor que o termo "guerra" foi utilizado para enfatizar a devastação, as perdas específicas e a morte de muitos animais. Ênfase que segundo as pessoas entrevistadas, não houve perda de vidas humanas em decorrência das enchentes.

Na época, qualquer chuva que dava a gente acordava com a água dentro de casa. Mas a pior foi a do carnaval, porque a gente foi brincar, chegamos cansados, com sono, e tiramos um cochilo. Ai o tempo escureceu, virou o tempo, e aí não foi fácil não, essa foi a chuva que mais prejudicou a gente.
(MARIA ALICE, 2024)

Ainda, a senhora Maria Alice também falou sobre os inúmeros animais mortos que vinham junto com a água da enchente: *“É muita água que vem, muito porco e cachorro morto, isso vem na enchente”*. E então começa-se a notar uma similaridade entre os relatos das moradoras, e a partir disto pode-se entender que a memória não é um fenômeno individual (POLLAK, 1992), e sim um fenômeno coletivo e social, que está submetido a determinadas mudanças (HALBWACHS, 1990).

Portanto, essas memórias não devem ser entendidas como individuais, porque são memórias coletivas de toda aquela comunidade, do mesmo modo, ao transmitir estas memórias para seus filhos, netos e demais familiares, se expande a memória daquele coletivo, e, ao passo em que isso acontece, essa memória se insere e acaba por formar parte da identidade daqueles indivíduos. É importante entender que ao falar sobre as enchentes, as memórias sobre as mesmas são do passado, mas estão intrinsecamente relacionadas ao presente e ao futuro, pois é um processo que está determinado a ocorrer durante as fases da vida destes moradores.

Houve diversas semelhanças entre os discursos das moradoras, principalmente no que diz respeito às enchentes serem *“traumáticas e horríveis”*, mas percebi que as enchentes lembradas nunca eram as mesmas. Ao notar esta particularidade, foi perceptível o fato de que uma enchente, mesmo que atinja os moradores da mesma forma, será diferente para cada um deles, porque são sujeitos diferentes. Assim dizendo, existe uma memória coletiva acerca da chegada das águas, mas a memória de cada indivíduo é marcada por sua própria subjetividade.

A moradora Ana Lucia da Silva Almeida, de 59 anos e que vive no bairro desde seu nascimento, contou que ao longo da vida, a sua mãe lhe transmitia as experiências das enchentes que ela passou sozinha ou que passaram juntas, mas que ela não se recordava pois ocorreram durante sua infância.

Ana Lucia contou que ela e seu esposo tinham muita preocupação em proteger seus filhos dos traumas das enchentes, dizendo: *“Eu levava as crianças para a casa de uma amiga, pra não ficar traumatizados porque eram pequenas. Ai vinham os amigos e*

família, a gente fazia a limpeza da casa, lavava tudo e começa de novo". Em outros termos, a moradora preferiu que estes eventos que acometeram seus filhos durante a infância fossem objeto do esquecimento e não de lembrança.

Apesar disso, revelou que ao longo da vida, contou aos filhos as suas experiências com as enchentes, do mesmo modo que sua mãe, em determinado momento, lhe contou as delas, contribuindo assim na expansão da memória coletiva e formação de uma identidade coletiva. Prosseguindo, a moradora Ana Lucia, disse:

Dá uma tristeza, eu nunca tinha visto meu esposo chorar, mas aquele dia... porque ele vinha, organizava, limpava tudo, pintava a casa, ajeitava os móveis, organizava tudo. Daqui a pouco vinha de novo, e tinha que colocar as coisas todas pro alto. Comprei um guarda roupa bonito, mas a água destruiu, nunca mais comprei guarda roupa. (ANA LUCIA, 2024)

Ao abordar as questões relacionadas às perdas materiais, a senhora Vicentina Guilherme, de 78 anos e moradora da região há mais de trinta anos, contou que perdeu todos seus pertences na última enchente (2021). Segundo a defesa civil: *"há 18 anos não era registrado um temporal desta proporção"*. Vicentina declarou: *"Perdemos tudo, essa parte aqui da garagem (teto) teve que desmanchar para cobrir a casa do meu irmão lá atrás"*. Adicionalmente comentou que sente muito medo quando há previsão de fortes chuvas.

E ao ser indagada sobre sua opinião acerca do preparo dos moradores para uma enchente futura, respondeu: *"Ninguém tá preparado. Nem fala isso!"*. Do mesmo modo, as demais moradoras entrevistadas responderam em uníssono que os moradores não estão preparados para uma próxima enchente.

Partindo disto, trago novamente a questão supracitada no início deste tópico, ou seja, as perdas durante as enchentes não se limitam ao que se entende como objetos, é necessário compreender que todos aqueles objetos pessoais, móveis, eletrodomésticos, são *coisas*. Ao ser entrevistada, a senhora Teresinha de Fátima, de 68 anos e moradora do bairro desde que nasceu, declarou: *"Perdi só o material, graças a Deus, mas ainda assim é triste, roupa, botija de gás, minhas plantas"*.

E como ela disse, *"só material, mas ainda assim é triste"*, porque nada é só material, o material é coisa, o que há dentro de uma casa, os objetos são perpassados por fluxos vitais que estão integrados aos ciclos e dinâmicas da vida e do meio ambiente desses indivíduos (INGOLD, 2012).

Tim Ingold nos aponta que habitação não é meramente a ocupação de estruturas já construídas, habitação é a imersão dos seres nas correntes do mundo da vida (INGOLD, 2015, p. 34), ou seja, conforme os indivíduos produzem suas vidas, assim eles o são, nos levando a entender habitação como um processo de engajamento contínuo com o mundo. E quando a água adentra aquela casa, este espaço de habitação, o que ela faz é bagunçar, destruir, levar consigo e deixar enlameado o fluxo que existia naquela casa entre os habitantes e suas *coisas*. Porque a casa não é somente um quadrado de tijolos que está servindo de moradia, é um espaço que está sendo habitado, um agregado de fios vitais que é desfeito quando a água das enchentes a invade a casa e causa o desentrelaçar das relações que existiam ali dentro entre os indivíduos e suas *coisas*. E é nesse momento que eles se veem diante de suas memórias submersas.

Este tópico se inicia com a analogia feita a um "*cenário de Guerra*", trecho da entrevista com a senhora Ana Maria Rocha. E agora encerra-se com o restante de sua fala: "*Parecia um cenário de Guerra, tantas coisas que foram destruídas, animais mortos, móveis e utensílios jogados fora, compras de mês indo para o lixo. Uma população arrasada*".

Espera-se que tenha ficado explícito algumas das múltiplas faces do evento das enchentes, como é um processo profundamente traumático e que causa diversos danos emocionais e simbólicos. Do mesmo modo, evidencia-se a gravidade do impacto das enchentes na vida, na memória e na identidade destes moradores, que são moldadas coletivamente e continuamente por estes eventos. É necessário, portanto, perspectivas mais amplas para lidar com o cenário no qual a população está inserida, para promover resiliência comunitária e se pensar novos horizontes.

RESILIÊNCIA E FUTUROS POSSÍVEIS

Apresentam-se aqui os relatos dos moradores acerca de suas atividades e mobilizações durante e após as enchentes, no sentido de uma resiliência local. A partir disto, deve-se refletir acerca de futuros possíveis, porque a solidariedade é essencial, mas o problema das enchentes exige a agência do Estado.

Para iniciar este debate, traz-se a citação da senhora Teresinha, que ao ser interpelada sobre medidas que poderiam ser tomadas para prevenir os impactos das enchentes, afirma que o governo não tem responsabilidade sobre este problema: "*Todo*

mundo bota a culpa no governo, eu não acho que é culpado não”, ainda, a moradora cita como referência o recente evento cataclísmico que ocorreu no Rio Grande do Sul: “Por exemplo, lá no Rio Grande do Sul, tá debaixo d’água. Os governantes não têm culpa, o que eles vão fazer?”.

E o que para ela não é responsabilidade do governo, certamente o é, para a senhora Ana Lucia, que afirma:

O governo não tem projeto, a cidade não tem projeto, não tem cuidado com isso. Se você tiver cuidado com a população, o básico: saúde, educação, saneamento básico, consegue estruturar. Mas não, a cidade com 8 mil habitantes não tem condições. Às vezes não é coisa que você vai fazer em um ano, dois anos, mas se for estruturado, você pode fazer esse trabalho durante o tempo que for. Eu não vou ver, mas as minhas gerações, as gerações das outras gerações, eles vão. E o que tá acontecendo no mundo, se não for cuidado, daqui a pouco não vai ter ninguém pra ver. (ANA LUCIA, 2024)

Do mesmo modo, a moradora Ana Maria Rocha, ao ser questionada sobre o agenciamento da prefeitura diante as enchentes, relata: *“A enchente é surpresa pra população, nunca pra Prefeitura”,* ainda, a mesma falou sobre as ações que ela acha que deveriam ser tomadas para a mitigação das enchentes: *“Recapear o córrego, porque se chover mais, nada segura essa água, e colocar boca de lobos para escoar a água”.*

Juntamente, a senhora Vicentina afirmou: *“O que acontece depois da enchente é que muita gente vem ajudando, vem trazendo cesta básica, roupa de cama, isso tudo. Todo mundo ajuda as pessoas, menos a prefeitura”.*

Ao incorporar esses relatos ao debate, é possível elucidar a ineficiência do poder público do município diante da conjuntura supracitada. Mesmo que uma das entrevistadas tenha explicitado a opinião de que *o governo não é responsável por resolver as enchentes*, as demais moradoras afirmaram que o *governo* deve sim exercer ações energéticas para mitigação das enchentes no bairro.

E, de fato, o governo do município deve agir para amenizar o problema das enchentes no âmbito municipal, porque isso é uma questão de políticas públicas, saúde pública, e bem-estar social. Tal qual uma das moradoras afirmou, *“deve-se pensar nas gerações futuras”*, Isso é interessante porque são moradores preocupados com as gerações futuras, e não no sentido de que as enchentes devam cair no esquecimento dos mesmos, mas sim que eles não a experimentem.

Isto é de suma importância, esperar para que, ao olhar para o horizonte, as gerações futuras não precisem viver tendo a chuva como sinônimo de dor e perda. Garantir mecanismo para que essa população possa viver de forma digna, e não tendo que se curar emocionalmente e reconstruir seus lares anos após anos por causa das enchentes.

A partir dos relatos acima, buscou-se apontar como essa comunidade age quando sua vida é acometida pelas enchentes, e como agem após o escoamento da água. E porque enchente não se resume ao momento, é o antes, o durante e o pós alagamento. Moradores do lugar, acometidos pela água são capazes de elucidar as ações que devem ser tomadas pelo poder público durante as enchentes, porque são eles que interagem diretamente com a chegada das águas. Ademais, é essa população que deve ser ouvida quando se buscam soluções para a mitigação das enchentes.

A possibilidade de um futuro onde essas pessoas possam viver de forma justa e mais humana prescinde dessas reflexões.

Apontei para a importância de que o sistema capitalista precisa ter o seu fim. Ressalto que os moradores de Rio das Flores não podem esperar por essa mudança sistêmica. Diante o cenário em que vivem, somado às mudanças climáticas, urge a necessidade de um agenciamento por parte do poder público, que se preocupe em se mobilizar com eficiência para que haja a criação de infraestruturas de resiliência, garantindo que dentre as perspectivas de futuro dos moradores, não esteja incluída a visão de suas vidas debaixo d'água.

Porque nesse mundo, quem não vive com medo de perder tudo quando chove, usufrui de um certo nível de humanidade que não é oferecido aos moradores do bairro Elizabeth, em Rio das Flores.

CONCLUSÃO

Diante a conjuntura analisada, torna-se evidente que as enchentes no município de Rio das Flores (RJ), transcendem a ideia de ser apenas um "fenômeno natural", e configura-se como uma complexa problemática sociocultural.

Ao considerar os relatos dos moradores é possível perceber as múltiplas camadas dos impactos gerados pelas inundações. Estes eventos destroem bens tangíveis - e toda profundidade que os acompanha -, causando forte impacto emocional aos moradores.

Este estudo revela que as enchentes são causadas por múltiplos processos: a crise no sistema capitalista e sua reverberação nas mudanças climáticas, o uso intensivo do solo do município para pastagem, e a falta de políticas públicas eficientes para o manejo das águas pluviais. Ademais, apresenta-se que rotular as enchentes como "tragédias" desvia a responsabilidade do poder público da cidade, que vive em um ciclo de negligência e que nunca age para mitigar os efeitos das inundações e propor uma maior resiliência comunitária.

A análise dos três tópicos centrais deste estudo, oferece um panorama de diversas dimensões que envolvem as enchentes, e aponta a urgência de que devem ser tomadas ações que possam melhorar as condições de vida dos moradores do bairro Elizabeth.

Deste modo, conclui-se que é de suma importância que ao olhar o problema das enchentes, adote-se uma perspectiva que valorize a memória e a identidade coletiva, ao passo em que se busque a implementação de políticas públicas eficazes e capazes de enfrentar os desafios impostos pelas mudanças climáticas, para garantir um futuro mais seguro e digno para todos.

REFERÊNCIAS

Ministério das Cidades, Brasil. Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS). 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/cidades/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/saneamento/snis>. Acesso em: 06 de junho de 2024.

INFOSAN. Município Rio das Flores, RJ. 2024. Disponível em: <https://infosanbas.org.br/municipio/rio-das-flores-rj/>. Acesso em: 20 de junho de 2024.

Agência de Notícias IBGE. IBGE retrata cobertura natural dos biomas do país de 2000 a 2018. 2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/28944-ibge-retrata-cobertura-natural-dos-biomas-do-pais-de-2000-a-2018#:~:t>

[ext=Os%20biomas%20brasileiros%20perderam%20cerca,mil%20km%C2%B2%20de%20cobertura%20natural](#). Acesso em: 05 de junho de 2024.

MARX, Karl. *Capital: Volume 1*. Tradução de Ben Fowkes. Nova York: Knopf Doubleday Publishing Group, 1977.

ONU Brasil. (2023). "O que são mudanças climáticas?". Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/175180-o-que-s%C3%A3o-mudan%C3%A7as-clim%C3%A1ticas>. Acesso em: 24 de junho de 2024.

KLEIN, A.; SUNKARA, B.; MARQUES, V.; WRIGHT, E. O.; McCARTHY, M. A.; SCHWARTZ, J. M.; TAYLOR, K.; BATTISTONI, A.; BIRCH, J.; CHIBBER, V.; KATCH, D.; SCHURIG, S.; BAMONTE, M.; RUAS, R.; USMANI, A.; McCARTHY, M. A.; MAJUMDAR, N. *O ABC do Socialismo*. Organização de Bhaskar Sunkara. São Paulo: Autonomia Literária, 2016. Capa: Rodrigo Correa.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

INGOLD, Tim. *Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais*. 2012.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

G1. *Defesa Civil de Rio das Flores contabiliza estragos após temporal*. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa-verde/noticia/2021/12/29/defesa-civil-de-rio-das-flores-contabiliza-estragos-apos-temporal.ghtml>. Acesso em: 15 de junho de 2024.